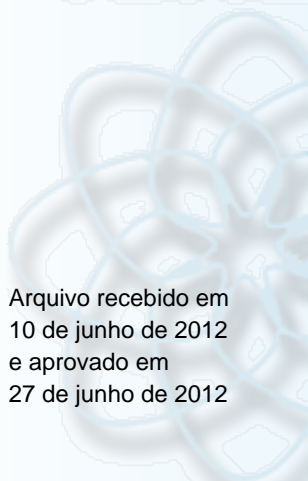


Teo  
Lite  
rária



Arquivo recebido em  
10 de junho de 2012  
e aprovado em  
27 de junho de 2012

V. 2 - N. 3 - 2012

\* Diretor da Faculdade  
de Filosofia e Teologia  
dos Jesuítas (FAJE)  
e Vice-presidente da  
Sociedade Brasileira de  
Teologia e Ciências da  
Religião (SOTER)

DOI - 10.19143/2236-9937.2012v2n3p213-216

## ***Aragem do Sagrado - Deus na literatura brasileira contemporânea***

**Plowing the Sacred - God in  
contemporary Brazilian literature**

*Geraldo de Mori\**

*Aragem do Sagrado. Deus na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Loyola (ISBN 978-85-15-03870-1)*

**A** coletânea *Aragem do Sagrado: Deus na Literatura Brasileira Contemporânea* reúne textos de autores provenientes de diversas áreas do saber: teologia, literatura, filosofia. O objetivo de todos, como diz o título, é o de mostrar como Deus se diz ou é dito na literatura brasileira contemporânea. Os autores abrem com seus estudos novas possibilidades de descoberta e interpretação do “mundo” que a literatura e a poesia oferecem para que o leitor possa decifrar e habitar. No caso presente, trata-se de descobrir nas obras de Augusto dos Anjos, Jorge de Lima, Malba Tahan, Murilo Mendes, Guimarães Rosa, Clarice

Lispector, João Cabral de Melo Neto, Carlos Heitor Cony, Adélia Prado e João Ubaldo Ribeiro, *Aquele* que é a fonte de todo sentido segundo as religiões, a saber, o divino, o sagrado, a transcendência, os deuses, Deus.

A primeira contribuição de peso é a de Paulo Astor Soethe, um dos principais especialistas brasileiros a estudar teoricamente a relação entre literatura e teologia. Seu texto, uma introdução à coletânea, começa com algumas considerações metodológicas para a definição dessa área de estudos no Brasil. Em seguida mostra que ainda existem dados inexplorados e relevantes para a pesquisa, tomando como exemplo João Guimarães Rosa. Enfim, apresenta a figura de Karl-Joseph Küschel como um dos grandes especialistas internacionais da área. O próprio Küschel oferece como Posfácio, no fim da coletânea, uma reflexão sobre o interesse do conjunto da obra.

O primeiro capítulo, do filósofo Paulo Margutti, estuda o poeta Augusto dos Anjos, tido por muitos como monista materialista e pessimista, mas visto pelo autor não tanto como um místico *sem* Deus, mas como um místico *com* Deus. O texto, dividido em três partes, começa apresentando a importância da postura filosófica “sanchista”, que marcou muitos literatos e filósofos em Portugal e no Brasil, situando, em seguida, a obra do poeta, suas origens na encruzilhada do movimento filosófico do final do séc. XIX e início do séc. XX, para, finalmente, abordar a visão de mundo de Augusto dos Anjos e associá-la ao espírito do “sanchismo”.

O segundo capítulo, do filósofo Luciano Santos, estuda a poesia de Jorge de Lima, mostrando a evolução e as influências que sofreu ao longo do tempo, e as figuras da experiência religiosa ou mística que se inscrevem em cada época da vida do poeta alagoano. Assim, a experiência religiosa da infância, ancorada na religiosidade popular, o afastamento dessa experiência a partir da mudança para a capital do país e dos estudos de medicina, como a reconversão ao catolicismo conferem

ao conjunto poético de Jorge de Lima características diferenciadas da própria percepção de Deus.

O terceiro capítulo, do teólogo Carlos Caldas, nos conduz ao universo da literatura infanto-juvenil explorado por Malba Tahan, pseudônimo e heterônimo de Júlio César de Melo e Souza. Após a apresentação de alguns aspectos da vida e obra de Malba Tahan, Carlos Caldas analisa algumas dessas obras, mostrando a imagem de Deus que nelas se desenha, um Deus distante de todos os proselitismos e denominacionalismos, que não faz nenhuma acepção de pessoas.

O quarto capítulo, da literata Francis Paulina Lopes da Silva, é dedicado à obra poética de Murilo Mendes. A autora também se interessa em mostrar o processo evolutivo e espiritual do poeta de Juiz de Fora, indicando a partir daí as diferentes ênfases de sua poesia cristocêntrica.

O quinto capítulo, do literato e teólogo Rogério Mosiman da Silva, discute com as tendências místico-religiosas das leituras da obra de Guimarães Rosa, de tipo apologético unívoco (que exploram ora o esoterismo ora o cristianismo do escritor mineiro), ou críticas dessa univocidade apologética. O autor propõe uma leitura intercultural e inter-regionalizada obra rosiana.

O sexto capítulo, de Marília Murta de Almeida, mestra em filosofia, analisa o percurso da personagem Lóri no romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector. O texto acompanha todo o itinerário dessa personagem, vendo em sua busca de realização de si uma abertura ao não-eu, ao Outro radical, o divino.

O sétimo capítulo, de Waldecy Tenório, literato e filósofo, propõe um “roteiro de leitura da poesia de João Cabral como um “Pós-escrito” a *A bailadora andaluza*”, obra de João Cabral que ele havia analisado numa publicação de 1996. O autor defende a tese, já apresentada em 1996, que João Cabral não só é um teólogo inconfessável, mas também um místico sem Deus. Para demonstrar sua tese percorre o conjunto da obra do escritor pernambucano.

O oitavo capítulo, do teólogo Antônio Manzatto, propõe a leitura de *Informação ao Crucificado*, de Carlos Heitor Cony. O autor, grande conhecedor da relação teologia e literatura no Brasil, apresenta uma breve notícia biográfica do escritor, para depois analisar o romance, indicando os distintos aspectos teológicos que emergem do mesmo.

O nono capítulo, da teóloga Maria Clara LucchettiBingemer, estuda a obra poética de Adélia Prado, mostrando como a poetiza mineira inscreve o gesto poético na Palavra de Deus. Em seguida, indica como esse gesto poético está em contato permanente com a corporeidade. Num terceiro momento, mostra como o Eros e o místico se encontram na poesia adeliana para concluir com a apresentação da dimensão pascal desta poesia.

O décimo capítulo, do teólogo Geraldo De Mori, estuda a presença dos deuses e de Deus em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. Após a apresentação da trama narrativa desta grande saga do Brasil, com a visão do mundo que dela brota, o autor analisa a experiência do divino ou de Deus que daí emerge, indicando, num terceiro momento, que questões essa obra levanta para o fazer teológico no Brasil.

Como se percebe, os pontos de vista das análises são díspares e complementares. Isso determina, em parte, a contribuição específica desta obra. De fato, do ponto de vista da teologia, o importante é poder abrir-se não só à literatura e à poesia enquanto tais, mas aos demais saberes que se interessam pela literatura e pela poesia. Desse encontro mútuo brota certamente novas maneiras não só de compreender as obras e os autores estudados, mas também novas perspectivas de se entender o mundo, o humano e Deus.